

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 e 7 de Dezembro de 2021

SIMONE SIGNORET E YVES MONTAND: CAMINHOS PARALELOS

IMPASSE DES DEUX ANGES / 1948

Um filme de Maurice Tourneur

Argumento e diálogos: Jean-Paul Le Chanois / *Imagem (35 mm, preto & branco, formato 1x37):* Claude Renoir / *Cenários:* Jean d'Eaubonne / *Figurinos:* Jacques Heim / *Música:* Yves Baudrier / *Montagem:* Christian Gaudin / *Som (mono, sistema Klangfilm):* Georges Leblond / *Interpretação:* **Simone Signoret** (*Anne-Marie/Marianne*), Paul Meurisse (*Jean*), Marcel Herrand (*Marquês Antoine de Fontaines*), Jacques Baumer (*o mordomo*), Paul Demane (*Minus*), Reggie Nalder (*Bébé*), Marcelle Praince (*a duquesa*), Jacques Castelot (*o "visconde"*), Yolande Laffon (*a irmã do marquês*), Danièle Delorme (*Anne-Marie, a garota*), François Sinoël (*Sylvain, o cabeleireiro*), Paul Amiot (*o chefe dos criminosos*), Lucas Gridoux (*o empresário de Marianne*), Gustave Nallet (*o notário*) e outros.

Produção: Eugène Tucherer para a B.U.P. Française / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 86 minutos / *Estreia mundial:* 3 de Outubro de 1948 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Impasse des Deux Anges é uma interessante raridade, não apenas pela presença de Simone Signoret num dos seus primeiros papéis importantes, como pela própria essência do filme, que mistura com equilíbrio elementos criminais, oníricos e "românticos". Note-se na ficha técnica a presença de profissionais de prestígio na direção de fotografia e na concepção dos cenários (Claude Renoir e Jean d'Eaubonne), assim como a de um famoso nome da *haute couture*, Jacques Heim, no guarda-roupa. O argumento e os diálogos são de Jean-Paul Le Chanois, vindo da vanguarda dos anos 30 e do Groupe Octobre, a que pertenceu Jacques Prévert. A título de curiosidade, o espectador reconhecerá facilmente no papel de Bébé, um dos dois capangas que seguem Jean/Paul Meurisse, o eterno secundário Reggie Nalder, que em 1956 seria o sinistro (quase) assassino de **The Man Who Knew Too Much** na celeberrima cena no Albert Hall. Quanto a Maurice Tourneur (1876-1961), hoje lembrado sobretudo como pai de Jacques Tourneur e que quando trabalhava em Hollywood nos anos 20 era considerado um realizador quase do mesmo nível que Griffith, mas cuja carreira francesa, a partir dos anos 30, é bem menos prestigiosa, prova neste seu último filme aquilo de que ainda era capaz, apesar do seu trabalho de *mise en scène* ser discreto, convexo (note-se o uso escassíssimo da música, que nunca acentua as situações, enquadra-as).

A característica mais interessante do argumento é que embora tudo se passe no presente e no chamado mundo real a partir do momento em que o par de ex-amantes se reencontra a ação decorre como se fosse um sonho, ao cabo do qual todos despertarão e tudo volta ao ponto de partida sem que a ordem dos acontecimentos tenha sido realmente transgredida. Os interlúdios com a garota e com o jovem solitário e desequilibrado são exemplos desta mistura de realidade e irrealidade e Tourneur sabe dosear perfeitamente o tom fantasmático destes episódios, que poderiam ser imaginários mas são reais. Três mundos coabitam no filme, o teatro de revista, a alta aristocracia e o mundo do crime. A protagonista que vem do teatro e que amara e ainda ama um criminoso desconhecendo esta faceta do homem, acabará integrada de modo quase sincero ao mundo da alta aristocracia. A dualidade da mulher e a sua transformação é expressa no facto do seu nome verdadeiro, Anne-Marie, ser o inverso do seu nome de palco, Marianne, num jogo de espelhos. O colar de diamantes não é um objeto anódino: símbolo dinástico para o marquês, objeto de cobiça para os profissionais do crime, ornamento para a interesseira mulher-objeto, passa a ser o símbolo do elo afetivo que se instala entre Anne-Marie e o marquês, assim como o selo da integração da mulher à casta a que pertence o seu marido, o que é sintetizado no magnífico plano final, em que ela tem um

ligeiro tremor, prova que percebeu perfeitamente o que aconteceu a Jean e abre a gola do casaco de marta para mostrar o colar, o que atesta o sacrifício de Jean, que renunciou ao colar e a Anne-Marie, pagando a primeira renúncia com a vida.

Embora o título do filme seja o de uma ruela que realmente existe em Paris e à qual Anne-Marie e Jean voltam na sua visita ao passado, talvez não seja extrapolar o seu sentido lembrar que em francês *impasse* tem o mesmo sentido que em português mas também designa um beco sem saída e os dois *anjões* nem sempre angélicos que são Anne-Marie e Jean estão num duplo *impasse*: por um lado, não podem reviver o que já não existe, por outro ele passa a ser perseguido por aqueles que o contrataram e que ele traiu. Antes mesmo dos belos e breves flashbacks, os dois passam a viver o presente como se estivessem no passado, embora sejam constantemente chamados à realidade pela presença dos dois capangas que os seguem e perseguem. Tudo acaba por se resolver no palacete do marquês, residência dele, talvez futura residência dela e espaço onde Jean mais do que um intruso era um inimigo: Anne-Marie e o marquês (que fez questão de casar-se em completa comunhão de bens com aquela mulher que tudo tem de uma aventureira) têm uma explicação decisiva, enquanto Jean medita silenciosamente na copa, onde é trancado pelo mordomo e padrinho da mulher, diante de uma garrafa de champanhe.

O modo como os dois protagonistas são apresentados é mais um dos pontos fortes do filme. Simone Signoret surge de início numa fotografia de jornal, fazendo com que a vejamos do mesmo modo com que os outros personagens a vêem, como uma figura pública por conseguinte ao mesmo tempo real e abstrata. Depois vemo-la na sua despedida ao teatro, duplamente travestida: como um personagem do século XVIII, porém não como uma mulher e sim como um rapaz, um querubim, um pajem adolescente, o que dá uma pitada de ambiguidade sexual à sua presença, até mesmo de dupla ambiguidade, de mulher transformada num rapaz cuja extrema juventude dá-lhe um toque algo feminino. Mas este querubim setecentista, que renuncia o seu próximo “papel” de marquesa num meio cuja mentalidade e cujos costumes ainda são próximos aos de 1788, é mesmo uma parisiense do século XX, pois tem um cigarro pendurado nos lábios e fala com o cinismo calculado de uma atriz de revista. Não a vemos representar em palco, nem isto é necessário ou desejável, pois em breve a veremos preparando-se para outro papel, o de marquesa, penteada pelo cabeleireiro do teatro, o que transforma o *boudoir* do palacete do seu noivo num camarim de teatro. Mas depois de despedir-se dos palcos, Anne-Marie volta a ser Marianne e escapa da encenação que é uma grande recepção. Quanto a Paul Meurisse, especialista do fleuma e do cinismo, é apresentado ao espectador de um modo que multiplica estas características. Para já, exerce a função de especialista em roubos, clássica função no cinema criminal, aquele que sabe e não tem tempo a perder com minúcias. Chega calado à reunião onde o seu trabalho será determinado, age como se já estivesse a par de tudo e faz calar o comanditário com um sucinto “*sou mais parisiense do que você*”. Nos seus inúmeros papéis, Meurisse não tem súbitas transformações no seu comportamento, como sucede com Jean Gabin, nunca explode ou encurrala o seu interlocutor. Impávido diante da adversidade como da perspectiva de prazeres, Meurisse faz dos seus personagens indivíduos movidos puramente pelo raciocínio (em **Impasse des Deux Anges** o único momento em que ele se abandona brevemente é quando dá uma tragada num cigarro francês, um daqueles fortíssimos cigarros de tabaco escuro cujo efeito é especialmente agradável “*quando se vem do estrangeiro*”). E é sem nenhum peso fatalista que o seu personagem é abatido no desenlace, num sacrifício involuntário que permite a Marianne passar a ser definitivamente Anne-Marie. Maurice Tourneur encontra soluções visuais discretas e altamente eficazes para todas as ideias inteligentes e originais do argumento, num verdadeiro trabalho de artesão.

Antonio Rodrigues